

Remédio na prateleira do feijão

No mercadinho tem um pouco de tudo e o templo da Assembléia de Deus é modesto, tem apenas oito bancos

“O que é que tem para dor de cabeça?”, pergunta um morador para Joana D’arc de Jesus, 33 anos, dona de uma venda, duas ruas depois da casa de Manoel e Maria de Souza. “Anador, Doril e Dipirona”, responde. O mercadinho ocupa metade do barraco onde a pernambucana de Mirandiba mora com o marido Antônio, 49, e os filhos Antônio, 9, e Amanda, 2, há nove meses.

Além de remédios, Joana vende ovos, arroz, farinha, feijão, enlatados, material de limpeza, leite e pão. A mercearia foi a saída encontrada pelo casal para sobreviver ao desemprego — condição da esmagadora maioria na invasão. Hoje, Antônio está empregado como gari na frente de trabalho do GDF.

Enquanto Antônio (pai) sai para o Plano Piloto, Antônio (filho) segue para a escola, no Riacho Fundo II. Ficam Joana D’arc e Amanda, que passam o dia dentro da mercearia, que abre de segunda a domingo. Evangélica, e de hábitos reservados, a única saída de Joana é para a igreja Assembléia de Deus Madureira, ao lado do barraco dela. “Faz mais de ano que não visito minha irmã no Areal (Taguatinga)”, calcula.

A Assembléia de Deus Madureira é pequena, não tem mais que nove metros quadrados, apenas oito bancos de madeira, mas é que nem coração de mãe: sempre cabe mais um.

O pastor Bernardo Dias de Jesus de Araújo, de terno cinza

riscado, calça marrom, camisa branca de gola puída, gravata azul e sapato mocassim amarelado pelo barro, recebe os fiéis no templo, construído há seis meses. São evangélicos como Joana D’arc, que buscam forças para tocar a vida e salvar os homens dos pecados do mundo. “Ele é sincero e puro”, acredita Daiane da Silva Cruz, 18 anos, mãe de João Vitor, 1 ano, e Leonardo, 2. O pastor é venerado por todos que freqüentam o culto como “um enviado do Senhor”.

Desempregada, a carioca Daiane dá conta dos afazeres domésticos, dos filhos e freqüenta o culto regularmente. Quando não está orando, vai para a casa de vizinhos jogar conversa fora. O marido Wesley Lopes, 21 anos, trabalha como lanterneiro (pintura) em uma oficina mecânica no Recanto

das Emas. O casal está na invasão há nove meses.

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

O boteco de Orlando é decorado por um pôster do Flamengo e uma Bíblia sobre a geladeira

O som das músicas de louvor dos fiéis na Assembléia de Deus Madureira se mistura ao de *Garçom*, sucesso de Reginaldo Rossi, que toca em alto volume no boteco de Orlando Araújo de Oliveira, 31 anos, do outro lado da rua, em

Jorge Cardoso



Os fiéis evangélicos buscam forças para salvar os homens dos pecados do mundo e oram no pequeno templo construído há seis meses

frente da igreja. Barezinhos como o do baiano proliferam na invasão da 601. Cliente é o que não falta para tomar pinga, conhaque e *Catuaba Selvagem*, uma mistura da catuaba e ervas com a *mardita*.

• Em plena manhã de quinta-feira, às 10h, chega o primeiro freguês, que pede um conhaque. Já embriagado, o homem mal consegue articular as palavras e pedir uma dose. Repete o nome várias vezes, mas é impossível decifrar o que diz. Em pé, quase caindo, degusta mais *uma*. De tão bêbado, não sentia as dores de uma queimadura no peito e no braço direito, provocadas pela explosão de uma garrafa de álcool no barraco onde vive.

O movimento não pára no boteco, decorado com um pôster do Flamengo e uma Bíblia Sagra-

da deixada sobre a geladeira cheia de cervejas. “A Bíblia é a maior arma do homem”, profetiza Orlando, desempregado há dois anos. Ele se gaba de seu barzinho não incomodar a vizinhança, nem mesmo a igreja. “Respeito a igreja, mas sempre aparece alguém fazendo confusão”, conta, enquanto limpa o balcão com um pano úmido.

O senhor embriagado vai embora cambaleante. Logo depois, chega novo freguês, já conhecido de Orlando. É o pernambucano Márcio da Costa Gomes, 29 anos, morador da invasão há oito meses. Desempregado, vive de fazer bico como pedreiro. Nas horas vagas, sempre passa no boteco. “Venho esquecer os problemas da vida”, explica-se. Dá uns goles e vai para casa.

A animada conversa entre fregueses do bar de Orlando fica inaudível e dá lugar ao som rouco do carro da fruta. “Vamos chegando minha gente. É a Kombi da boa fruta em sua rua...”, grita repetidamente o vendedor Carlos Pereira Gomes, 19 anos, ao microfone. Duas vezes por semana, Carlos percorre a única rua da invasão que dá para passar com a Kombi multicor ano 1980 — as outras são muito estreitas.

Carlos segue em marcha lenta com a Kombi. Ao longo do caminho, os moradores da invasão vão dando com a mão para parar o carro. E compram banana, maçã, mexerica, melancia, abacaxi e mamão, a preços módicos. A penca de banana com 10 unidades sai por R\$ 1,50. Mesmo assim, o vendedor reclama que as vendas estão muito fracas.

Horas mais tarde, é a vez de Valdemilson Alvez Soares, 34 anos, passar com a carrocinha de verduras (batata, abóbora, cebola roxa, cenoura e beterraba). “Só está dando para tirar o arroz e o feijão”, afirma o vendedor, que também mora na invasão desde que perdeu o emprego de vigia no Lago Sul há seis meses.

A tardinha vai caindo. As crianças que foram para a escola começam a voltar para casa. Chegam em ônibus alugado pelo GDF, no bagageiro de bicicletas e em cima de carroças, principais meios de transporte dos moradores da invasão. Os fiéis da Assembléia de Deus Madureira encerram mais um culto. Maria de Souza prepara a *janta* para o marido Manoel. Amanhã, tudo recomeça na invasão da quadra 601 do Recanto das Emas.